



BUTLER LEITORA DE DERRIDA: TRILHANDO O CAMINHO DAS DESCONSTRUÇÕES SUBVERSIVAS

Ederson Luís Silveira - UFSC¹
João Paulo Lorena da Silva - UFMG²
Leonard Christy Souza Costa - UFAM³

RESUMO: A teoria *queer* emergiu nos estados Unidos no final da década de 1980 se opondo aos estudos sociológicos sobre gêneros e minorias sexuais a partir do encontro entre a filosofia e os estudos culturais norte-americanos com o pós-estruturalismo francês. O funcionamento dos efeitos de sentido sobre a homossexualidade, instituídos pela história, que são retomados pela memória, no momento em que a educação constrói e faz circular na sociedade o discurso do referido tema, principalmente no interior de instâncias escolares, por exemplo, fez com que a teoria *queer* se tornasse um dos principais dispositivos de análise na contemporaneidade. Desse modo, a presente pesquisa qualitativa de cunho bibliográfico parte de um gesto interpretativo que percebe as identidades como objetos de conhecimento passíveis de sair das naturalizações tradicionais para apresentar reflexões sobre aproximações e deslocamentos possíveis dos estudos de Derrida em Butler. O presente estudo se mostra relevante como empreendimento reflexivo-crítico sobre o aparato teórico mencionado já que as influências do pensamento de Derrida em Butler apontam para a desestabilização dos binarismos linguísticos e conceituais sobre gênero e sexualidade, sobretudo aqueles que dizem respeito a homem/mulher ou masculinidade/feminilidade principalmente quando ela empreende a tarefa de dissecar estruturas tidas como “naturais” para mostrar que elas são social e culturalmente construídas.

PALAVRAS-CHAVE: Subversão; Gênero; Sexualidades *Queer*.

ABSTRACT: Queer theory emerged in the United States in the late 1980 opposed to sociological studies on genera and sexual minorities from the encounter between philosophy and cultural studies Americans with French post-structuralism. The operation of the effects of sense about homosexuality, instituted by the story, which are mentioned or discussed by the memory, at a time when education constructs and circulates in society the speech from the song, especially inside of instances, for example, queer theory has become one of the leading contemporary analysis devices. Thus, the present qualitative research of bibliographical nature part of an interpretive gesture that realizes the identities as actionable knowledge objects out of naturalization to present reflections on traditional approaches and possible offsets of the studies of Derrida in Butler. The present study shows relevant as reflective-critical venture on the theoretical apparatus mentioned since the influence of the thought of Derrida in Butler point to the destabilization of the linguistic and conceptual binaries on gender and sexuality, especially those that relate to man/woman or masculinity/femininity especially when she undertakes the task of dissecting structures believed to be "natural" to show that they are socially and culturally constructed.

KEYWORDS: Subversion; Gender; Sexualities *Queer*.

(DES)CONSTRUINDO PERCURSOS

¹ Doutorando em Linguística pela Universidade Federal de Santa Catarina –UFSC, pós-graduando em Ontologia e Epistemologia; graduado em Letras pela Universidade Federal do Rio Grande – FURG (RS). É membro do Grupo de Estudos em Territorialidades da Infância e Formação Docente (GESTAR/CNPq). E-mail: ediliteratus@gmail.com

² Mestrando em Educação pela Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG; Pós-graduando em Filosofia Contemporânea pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, PUC Minas. Graduado em Filosofia pelo Instituto Santo Tomás de Aquino - ISTA. É membro do Grupo de Estudos e Pesquisas em Currículo e Culturas (GECC /CNPq). E-mail: joaopaulopalmas@gmail.com

³ Professor Adjunto I - Universidade Federal do Amazonas - UFAM; Doutor em Linguística pela Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC. E-mail: leonardufam@gmail.com

Ir além da visibilidade de evidências de que existem outros modos de lidar com o corpo e os prazeres e tentar des-exotizar nossa compreensão dessas práticas. (BESSA, 2014, p. 48)
Eles não são identificáveis como termos absolutamente separáveis. Em vez disso, eles envolvem um ao outro. Eles fazem isso a cada instante de qualquer que seja a rede de signos que você procure traçar; e são em todo lugar irredutíveis a um único conceito, ideia ou termo chave, cuja identidade possa de algum modo ser mostrada, caso eu estivesse procurando “regressar”, em algum ato de análise, para “trás” em direção a algum elemento ou núcleo central ou fundamental supostamente único, original. (WOLFREYS, 2012, p. 57)

Falar sobre os estudos de Derrida e suas repercussões nas teorizações de outros autores requer cuidado e cautela. Em primeiro lugar porque pensar nos estudos derridianos requer que voltemos nosso olhar para o impossível, distanciando-nos das lógicas binárias sobre as quais o pensamento ocidental esteve inserido por muito tempo antes dele (e que continuam a reverberar em muitos contextos até hoje). Com o advento da pós-modernidade as discussões relacionadas ao terreno das identidades foi se acentuando cada vez mais e se levamos em consideração que em Derrida o próprio conceito de identidade é estabelecido na busca de uma não-hierarquização de um termo em relação ao outro, temos então nosso ingresso nos terrenos do impossível.

Cabe aqui situar o leitor: uma identidade desgarrada da noção de um termo que é tomado como base para identificação de outros termos parece unimaginável levando em consideração a língua como um conjunto de diferenças entre os termos, conforme havia postulado Saussure (2006). O propósito do presente trabalho é traçar a partir de uma investigação descritiva de cunho qualitativo de que forma os estudos de Derrida encontram terrenos férteis nas discussões de Judith Butler acerca das desconstruções de gênero na atualidade. Cabe então descrever como a linguagem sobre o mundo infere e atribui proposições acerca do mundo e mais que isso, impõe valorações sedimentadas na cultura e no imaginário social, situando Butler no escopo das investigações propostas pelos estudos *queer*. Sobre este campo de investigações, podemos afirmar que

[...] teórica e metodologicamente, os estudos queer surgiram no encontro entre uma corrente da Filosofia e dos Estudos Culturais norte-americanos com o pós-estruturalismo francês, que problematizou concepções clássicas de sujeito, identidade, agência e identificação. Central foi o rompimento com a concepção cartesiana (ou Iluminista) do sujeito como base de uma ontologia e de uma epistemologia. Ainda que haja variações entre os diversos autores, é possível afirmar que o sujeito no pós-estruturalismo é sempre encarado como provisório, circunstancial e cindido. (MISKOLCI, 2009, p. 152)

Neste sentido, a identidade diferente daquela do homem branco europeu heterossexual é apresentada sob o estigma do exótico em relação à identidade “principal” o que faz com que haja a hierarquização de identidades tendo como parâmetro uma identidade-base sobre a qual se assentam os discursos sobre o sexo e o gênero dos sujeitos na sociedade. Partimos então de um movimento que vai além de reconhecer nos estudos de gênero a defesa do reconhecimento de outras identidades, ao percebê-las como parte de um “conjunto de saberes que poderiam ser qualificados como ‘subalternos’, quer dizer, saberes que se construíram e se constroem fora das sistematizações tradicionais” (LOURO, 2014, p. 36) para apresentar reflexões sobre aproximações e deslocamentos possíveis dos estudos de Derrida em Butler.

ENTRE TERMOS E INSTABILIDADES

Beatriz Preciado é um nome que emergiu no seio da intelectualidade contemporânea cuja presença só fez ampliar o olhar crítico sobre os estudos do corpo na atualidade. Trata-se de uma das alunas de Derrida no final dos anos 1990 que leciona na Universidade Paris 8 e atualmente dirige um projeto intitulado “Tecnologias de gênero” no Museu de Arte Contemporânea de Barcelona. Neste sentido, para a pesquisadora Carla Rodrigues (2014), trata-se de uma herdeira das posições mais radicais do pensamento pós-estruturalista francês. Tendo situadas estas informações, cabe assinalar que não pretendemos aqui situar o trabalho de Preciado, mas de mencionar um fato biográfico relacionado a ela que pode servir para introduzir as questões que aqui pretendemos tecer acerca das relações possíveis entre o pensamento de Derrida e Butler.

Chega aqui o momento de indicar uma das singularidades da obra de Preciado. Irreverente e transgressora, ela encarnou o questionamento sobre identidade de gênero numa experiência em que se fez cobaia. Durante duzentos e trinta e seis dias, se auto-aplicou testosterona, o hormônio produzido pelos testículos, sem seguir nenhum tipo de protocolo médico prévio. ‘Com esta intoxicação voluntária, quis mostrar que meu gênero não pertence nem à minha família, nem ao Estado, nem à indústria farmacêutica. É uma experiência política’, escreve ela no livro em que narra o que chamou de droga sexual. Os efeitos foram também políticos. Com a testosterona, sentiu-se mais lúcida, enérgica, desperta, e passou a se perguntar por que estes efeitos devem ser considerados ‘masculinos’. (RODRIGUES, 2014, p. 13)

O exemplo mencionado acima revela uma experiência que traz implicações problematizadoras sobre a naturalização de conceitos como masculino e feminino arraigada e disseminada no imaginário social apontando para a abrangência dos estudos de gênero na atualidade, sobretudo os estudos queer.

Assim, ao invés de pensar em como as identidades do outro são construídas, como o outro revela sua diferença em relação a mim, como alguma identidade pode ser reiterada como “ponto de partida” ou “origem” ou de apenas reconhecer identidades subversivas, inscritas em ordens de discursos distantes do padrão heteronormativo enquanto alteridade sobre a qual se olha, os estudos queer propõem algo diferente.

No contexto das reflexões aqui trazidas para discussão, podemos mencionar que Butler bebe em fontes derridianas para apresentar modos de olhar para o sexo e o gênero que ultrapassem os terrenos do legitimado, do conhecido, do estabelecido ou autorizado. Cabe então ter presentes alguns questionamentos de Derrida (1992, p. 109):

Que tipo de ética haveria se pertencer a um ou outro sexo se tornasse um direito ou um privilégio? E se a universalidade das leis morais fosse modelada ou limitada conforme os sexos? E se a universalidade não fosse incondicional, sem condição sexual em particular?

Devido ao caráter subversivo que “toca na ferida” dos modos como estão naturalizadas proposições acerca do feminino e do masculino enquanto marcados a partir de termos que a eles estão “intrinsecamente” relacionados, os estudos de gênero, sobretudo os de abordagem *queer*, causam certo desconforto em muita gente. Sendo assim, na pista das contribuições derridianas aos estudos feministas a pesquisadora Carla Rodrigues (2010) vai mencionar os estudos de Grosz para quem as intenções do pensamento da desconstrução são pouco reconhecidas. Neste contexto, o pensamento da desconstrução,

[...] ao mesmo tempo em que pretende repensar os caminhos sobre os quais a política tem sido feita, não pretende criar uma nova forma de fazer política, mas ‘reorganizar ou talvez desorganizar’ os caminhos pelos quais as formas de fazer política vêm sendo compreendidas. Nesse contexto, chama atenção o fato de Derrida considerar que as reivindicações feministas não se resolvem apenas com a aquisição de certos direitos. (RODRIGUES, 2010, p. 223)

Desse modo, a autora assinala em outro texto que “uma das tensões entre desconstrução e feminismo vem do fato de que a ausência de um sujeito estável assusta as feministas. (RODRIGUES, 2008, p. 106). Porém, a partir dos questionamentos de Derrida assinalados anteriormente, cabe aqui ressaltar que não se trata de refletir sobre “a verdade” ou a “falsidade” das enunciações de caráter ontológico em Butler (assim como em Derrida), mas em perceber possibilidades de resignificação e reorientações fora da metafísica dominante (DÍAZ, 2013) e de tornar a ontologia um “campo de contestação” (BUTLER, 1998a; BUTLER, 1998b). O estranhamento causado a uma primeira leitura dos

textos de Butler revela-se a partir das provocações inerentes que (re)surgem a cada momento alertando para as instabilidades e incorrências do gênero e do sexo, sem deixar de fazer perceber que cada instabilidade tem por consequência um efeito político (BUTLER, 2003).

Assim, nem o estilo de escrita de Butler nem a gramática e o modo como as palavras são utilizadas nos meios de interação social e de leitura e escrita em âmbito social são neutros. Cabe, então, com Derrida, levar em consideração as afirmações sobre o mundo construídas e mediadas linguisticamente considerando, desta forma, também a linguagem e a gramática nas quais as normas de gênero estão instituídas (SALIN, 2013), dado que, também para Butler (2003, p. 59),

[...] o gênero é a estilização repetida do corpo, um conjunto de atos repetidos no interior de uma estrutura linguística reguladora e altamente rígida, a qual se cristaliza no tempo para produzir a aparência de uma substância, de uma classe natural de ser.

Se percebermos as reflexões sobre este prisma não haverá o reducionismo de acreditarmos que os estudos *queer* revelam a necessidade de olhar para o outro, mas em perceber questionamentos possíveis inclusive sobre nós mesmos “sobre o que conhecemos e sobre o que desconhecemos, ou melhor, sobre o que nos permitimos conhecer e sobre o que deixamos de conhecer, o que ignoramos” (LOURO, 2014, p. 36).

Então, reconhecendo que há identidades, mas *a* identidade não existe (RODRIGUES, 2008), Butler vai reconhecer a existência de “unidades provisórias” em consonância com o entendimento de Derrida (2004, p. 244) sobre o conceito de democracia, que se sustentaria, para o filósofo, como “qualquer tipo de experiência na qual haja a igualdade, justiça, equidade e respeito pela singularidade efetiva do Outro”.

Neste contexto, para a filósofa espanhola Elvira Burgos Díaz (2013), em Butler, essa concepção surte influências já que ela trilha pelo caminho da desconstrução, assinalando a importância de ressaltar de que modo operam as práticas de exclusão, marginalização e rechaço presentes nas construções discursivas, o que pode ser notado nas reflexões de Butler em *Cuerpos que importam*:

[...] meu propósito é chegar a uma compreensão de como aquilo que foi excluído ou desterrado da esfera propriamente dita do ‘sexo’ – entendendo que essa esfera se afirma mediante um imperativo que impõe a heterossexualidade – poderia ser produzido como um retorno perturbador, não somente como uma oposição imaginária que produz uma falha inevitável na aplicação da lei, senão como uma desorganização capacitadora, como a ocasião de rearticular radicalmente o horizonte simbólico no qual há corpos que importam mais que outros. (BUTLER, 2002, p. 49)

Na trilha das problematizações que visam perceber a importância de “corpos que importam mais que outros”, temos a obra *Coreografias do feminino* (2009), em que a professora de Teoria da Literatura da UFRJ Carla Rodrigues apresenta os limites do pensamento de épocas em que a igualdade de direitos às mulheres não foi defendida alertando com isso os limites que derivaram disso em tempos posteriores. Porém, não se trata de reivindicar o que é de direito dos homens para as mulheres já que a busca dos direitos do outro como parâmetro só fariam inverter a situação em que as relações de poder se instauram na sociedade em relação aos gêneros. Desse modo, a importância da desconstrução aliada ao pensamento feminista é defendida pela autora, pois

[...] se a razão e mesmo a liberdade de ação, quer dizer, a atividade, foram identificadas como masculinas pela sociedade, tomando seu valor positivo em oposição à passividade feminina aparece a questão da autora: ‘Deixar o lugar da emancipação feminina e ir em busca de emancipação é instalar-se no tradicional lugar masculino?’ A importância da contribuição de Derrida parte do fato de que ele se recusa a estabelecer um lugar para a mulher, não sendo feminista nem anti-feminista, preferindo manter uma negatividade indecível que deixa em aberto toda a possibilidade de sentido. (LOSSO, 2009, p. 6)

Neste sentido, os estudos que se utilizam da desconstrução precisam considerar a lei da indecibilidade, sendo o indecível aquilo que é irreduzível a qualquer determinação. Desse modo, em Derrida, o indecível aparece frente a qualquer exigência de determinação ou estabilização, o que implica em ressaltar que não existe desconstrução aplicada porque não é um método ao mesmo tempo em que “nada há além da desconstrução operando em qualquer estrutura, forma significado ou identidade” (WOLFREYS, 2012, p. 56).

NAS TERRAS DO ENTRE-LUGAR: SOBRE PERFORMATIVIDADES E (DES)IDENTIFICAÇÕES

Ao mencionarmos o exemplo da experiência de Beatriz Preciado na seção anterior foi mencionado que seria utilizada como exemplo para as reflexões que viriam depois. Então, cabe na presente seção discorrer sobre os modos como Derrida e Butler percebem a questão da (des)construção das identidades. Para Wolfreys (2012), Derrida propõe uma abertura das identidades no sentido de que uma identidade só se torna possível através da incorporação dos signos de sua não-identidade, sendo que ambos se tornam elementos que não podem ser dissociados. Sendo assim sobre a identidade e a não-identidade, ou seja, o oposto do arranjo daquilo que “caracteriza” uma identidade em detrimento de seu

oposto, podem ser percebidas como não sendo identificáveis enquanto termos totalmente dissociados um do outro. Dessa forma, a desconstrução

[...] visto que nomeia algo, nomeia um espaçamento que ocorre simultaneamente entre, ou em, significados ou identidades como a condição de sua articulação. Ao mesmo tempo, também comenta sobre a condição aparentemente impossível de duas identidades, duas significações, existindo na mesma locação, que diferem uma da outra e ambas desabilitam a possibilidade de sua resolução em uma totalidade ou unidade diferenciada. (WOLFREYS, 2012, p. 57)

Neste contexto, no âmbito dos estudos acerca do movimento feminista se tornam pertinentes os estudos de Rodrigues (2009), que articula o pensamento deridiano com teóricas feministas como Joan Scott, Elisabeth Grosz, Drucilla Cornell, Diane Elam e Judith Butler para mostrar como as autoras mencionadas apontam para a possibilidade de o movimento feminista não ter a necessidade de afirmar o solo político das discussões que propõem a partir da identidade de um sujeito estabilizado, étnico – as mulheres. Neste sentido, a teoria não pode ser dissociada da prática, ao mesmo tempo em que é preciso que o pensamento seja reinventado continuamente, pois, como afirma Lyotard (2013, p. 90) sobre a fala filosófica,

[...] ela está sempre aquém daquilo que quer dizer, que não fala disso o suficiente [...] por se tratar de um discurso que nunca entrega suas conclusões definitivas, visto que é um desejo que carrega indefinidamente [...] uma falta que ele nunca pode preencher.

Se a fala, metonímia dos estudos teóricos de gênero sobre os quais aqui nos debruçamos, se caracteriza pela falta constituinte não se pode mais perceber o contexto em que as identidades são construídas enquanto alicerçado a partir da pressuposição de que as identidades são idênticas a si e contém unidade estabilizada ou internamente coerentes. As reflexões de Butler se direcionam então para as questões: como estas suposições “impregnam o discurso sobre as ‘identidades de gênero’? [...] Em que medida a identidade é um caráter normativo, ao invés de uma característica descritiva da experiência?” (BUTLER, 2003, p. 37-38) Mais adiante, a autora vai ampliar o debate sobre a construção de identidades assinalando a identidade como entendida socialmente como assegurada por conceitos como sexo, gênero e sexualidade. Temos então identidades vistas como “normais” em detrimento de identidades subversivas. Então,

[...] a ‘coerência’ e a ‘continuidade’ da ‘pessoa’ não são características lógicas ou analíticas da condição de pessoa, mas, ao contrário, normas de inteligibilidade socialmente instituídas e mantidas. [...] a própria noção de ‘pessoa’ se veria questionada pela emergência cultural daqueles seres cujo gênero é ‘incoerente’ ou ‘descontínuo’, os quais parecem ser pessoas, mas não se

conformam às normas de gênero da inteligibilidade cultural pelas quais as pessoas são definidas. (BUTLER, 2003, p. 38)

Dessa forma, podemos perceber aproximações entre Butler e Derrida, sobretudo no que diz respeito ao modo como Derrida (1992) percebe a identidade como um processo substituindo a ideia de identidade pela ideia de identificação e criticando dessa forma as fixações de identidades. Ao invés de identidades temos, portanto, processos de identificação. Em Butler (1998a; 1998b; 2002; 2003), neste sentido, existem unidades provisórias e contingentes o que não significa afirmar a inexistência do sujeito, mas alertar para o fato de que ele não exista como algo estabilizado, pronto e acabado, apenas instituído socialmente a partir de unidades formadoras que o caracterizem visando engessar as descontinuidades e instabilidades inerentes às identificações que contradizem as fixações impostas. Para Rodrigues (2010), as identificações não podem estar associadas a estabilidades para não tornarem-se mecanismos de opressão dos sujeitos.

Pensando que assim como a busca em alcançar direitos que estariam destinados aos homens para as mulheres seria apenas inverter a relação de forças baseando-se nos moldes espelhados no outro conforme afirmado anteriormente, a criação de um terceiro gênero além do masculino e do feminino não aparece em Butler (2003) como solucionadora da questão, pois não se trata da ampliação numérica das identidades, já que números mais expressivos trariam consigo exercícios de exclusão acerca das identidades acrescentadas. Torna-se necessário então um deslocamento no âmbito dos estudos de gênero e sexualidade que ultrapassem a naturalização de gêneros pré-concebidos, pois trata-se de apresentar “possibilidades de gênero que não estejam predeterminadas pelas formas de heterossexualidade hegemônica” (BUTLER, 2006, p. 86). Noutra obra, as discussões da autora se voltam para esta questão:

Uma tendência dentro dos estudos de gênero foi assumir que a alternativa ao sistema binário do gênero consiste em multiplicar os gêneros. Esse ponto de vista provoca invariavelmente a pergunta: quantos gêneros podem haver e como se denominarão? Porém, a alteração do sistema binário não deveria necessariamente conduzir-nos a uma quantificação do gênero igualmente problemática. (BUTLER, 2006, p. 71)

Sobre as lógicas binárias, podemos dizer que Derrida se coloca no movimento contrário ao estabelecer questionamentos cada vez mais radicais de “toda substantivação, de toda essência fundadora, no sentido de um esvaziamento do significado”. (DOSSE, 2007, p. 36) Dessa forma, a atenção de Derrida se volta mais para as falhas, os desfuncionamentos do que sobre as regularidades ou estabilidades da estrutura para então radicalizar o pensamento apresentando a ideia de estruturalidade da estrutura já que

no estruturalismo “tudo é estrutura e toda estruturalidade é um jogo infinito de diferenças.” (FRANK, 1989, p. 65) Dessa forma, as ações de Derrida recaem sobre o estruturalismo e os instrumentos sobre os quais a teoria está assentada são

[...] rediscutidos, pluralizados, disseminados num jogo indefinido que desdobra, decompõe, dissecar o sentido das palavras e persegue toda palavra mestra, toda transcendência. Assim, a linguagem derridiana desestabiliza as oposições tradicionais ao fazer jogar os indecíveis, verdadeiras unidades de simulacro, organizadores de uma nova ordem, carnavalesca, da razão. (DOSSE, 2007, p. 40)

Essa desestabilização de estruturas tradicionais vai ser um dos terrenos profícuos da lógica sobre a qual terá aparição em Butler o conceito de performatividade. Cabe assinalar neste contexto que a partir da História da Sexualidade aprendemos com Foucault (1985) que tanto o sexo como a sexualidade foram produzidos por um tipo de discurso, sendo que nenhum dos dois é uma “verdade essencial”, já que ambos partem de construções históricas. Então, Butler propõe a desnaturalização a partir de reflexões que permitissem a desmistificação do sexo e do gênero partindo da constatação de que o discurso engendra comportamentos e perpassa corpos na sociedade.

Inspirada em Austin (1990), que na teoria dos atos da fala apregoa o caráter ativo entre sujeito e meios sociais em que a sociedade aparece enquanto organizada dentro de normas e leis que funcionam pelo discurso, Butler (2003) promove um deslocamento inferindo que não há gênero sem discurso e os corpos passam a ser vistos como vítimas de processos de generificação. Suas discussões têm caráter político e ontológico, visto que passam a ser questionadas as identidades “homem” e “mulher”, por exemplo, bem como as próprias consequências do verbo “ser” quando alguém afirma aquilo que “é” isto ou aquilo, como se unidades pudessem ser estabilizadas através da enunciação do verbo e de tudo o que viria a ser delimitado pelo sujeito depois deste verbo. Neste sentido, a “linguagem é investida do poder de criar ‘o socialmente real’ por meio dos atos de elocução dos sujeitos falantes” (BUTLER, 2003, p. 167). No caso do gênero, por exemplo, ao ser chamado de “garota” desde a infância e passar por processos de socialização vinculados ao uso desse termo, o bebê se tornará uma garota com o decorrer do tempo. Ou seja, a linguagem é performativa porque tem o poder de produzir aquilo que nomeia. Butler (2003, p. 209) tem uma visão não essencialista dos significados das palavras, observando, assim, que “a significação não é um ato fundador, mas antes um processo regulado de repetição que tanto oculta quanto impõe suas regras, precisamente por meio da produção de efeitos substancializantes”. A palavra

em si possui uma opacidade, não significando nada; o significado vem da matriz cultural na qual é usada e repetida (Butler, 1997).

Se são as normas que materializam o sexo e generificam os corpos, este processo só se faz possível por causa da repetição e reiteração com que ocorre. Esse é um fator importante de ser destacado, pois não se trata de qualquer materialização nem tampouco que ela seja acabada, completa, devido ao fato de o ato performativo se realizar infundavelmente. Dessa forma, “a materialização do sexo, do corpo, não implica determinismo – tampouco de início voluntarismo-, porque não é de nenhum modo e nunca completa, já que se exige persistir neste processo repetitivo de materialização” (DÍAZ, 2013, p. 443).

Assim como não há verdades sobre o sexo e o gênero - só existem discursos historicamente situáveis (FOUCAULT, 1996; FOUCAULT, 1995) - as relações de poder em Butler a partir da inspiração derridiana, introduzem reflexões sobre as práticas discursivas de reiteração de normas e reiteração de práticas de exclusão, “na qual o poder de fazer o que se nomeia não se faz na vontade do sujeito falante senão que este poder é uma função derivada da cadeia ritual de reiteração” (DÍAZ, 2013, p. 446).

A “citacionalidade” e a “iterabilidade” aparecem em Derrida (1989) como traços relacionados à identificação funcional do caráter do performativo não situado em um sujeito singular, mas na dinâmica das convenções. Apropriando-se nessas noções, Butler (2003) vai afirmar que a autoridade conferida a discursos sobre o sexo advém do fato de que as normas sobre estes são continuamente citadas e reiteradas. Baseando-se em Foucault (2003) podemos afirmar que os saberes e comportamentos advém de um poder disciplinador e por isso “os sujeitos podem ser dóceis ao poder assim como servir de instrumento” (SILVEIRA, 2014: 4).

Cabe acentuar, porém, que o poder disciplinar não é de todo invulnerável, até mesmo porque o poder não existe, o que há são práticas ou relações de poder (MACHADO, 2008, p. XIV):

E esse caráter relacional do poder implica que as próprias lutas contra seu exercício não possam ser feitas de fora, de outro lugar, do exterior, pois nada está isento de poder. Qualquer luta é sempre resistência dentro da própria rede de poder, teia que se alastra por toda a sociedade e a que ninguém pode escapar: ele está sempre presente e se exerce como uma multiplicidade de relações de forças. E como onde há poder, há resistência, não existe propriamente o lugar de resistência, mas pontos móveis e transitórios que também se distribuem por toda a estrutura social. [...] Não é um lugar que se ocupa, nem um objeto que se possui. Ele se exerce, se disputa.

Levando em consideração o conceito de poder sob as lentes de Foucault (2008) enquanto algo que se realiza através de uma teia de relações que perpassa a sociedade como um todo, podemos entender

porque Butler (1998a) entende a ontologia como um “campo de contestação” cujo movimento de resistência situa-se no caminho da resignificação dos corpos e reorientação numa direção divergente dos pressupostos heteronormativos. Dessa forma reitera-se a afirmação de que os corpos são habitados por discursos como “parte de seu próprio sangue vital” (BUTLER, 1998^a, p. 282) e sob esta perspectiva, “a linguagem é, sem dúvida, um âmbito dinâmico de possibilidades não predetermináveis, sempre à espreita de trazer à presença mundos imaginados, ainda que, momentaneamente, não disponíveis” (DÍAZ, 2013, p.453).

(IN) CONCLUSÕES E RETICÊNCIAS

Segundo Miskolci (2009, p. 151), a teoria queer emergiu nos Estados Unidos em fins da década de 1980, “em oposição crítica aos estudos sociológicos sobre minorias sexuais e de gênero, em departamentos normalmente não associados às investigações sociais – como os de Filosofia e de crítica literária”. Os estudos que são colocados debaixo do guarda-chuva dos estudos *queer* compreendem todo tipo de identidade de gênero ou expressão sexual em desacordo com categorias e normas oficialmente aceitas pela sociedade. Os estudos de Judith Butler se inserem sob o escopo das investigações que consideram a partir do pós-estruturalismo um sujeito como sendo provisório, circunstancial e cindido.

Neste contexto, se com Derrida aprendemos que é possível pensar em modos de ultrapassar os binarismos de oposição que se situam nos debates sobre gênero e sexo em muitos lugares, com Foucault, aprendemos que estamos inseridos em ambientes de “proliferação e dispersão de discursos, bem como uma dispersão de sexualidades” (LOURO, 2001, p. 152). Em Derrida, a partir da lógica dos binarismos o termo inicial binário tende a ser visto em escala hierárquica superior ao segundo, enquanto o outro é visto como acessório, derivado.

Então, temos o movimento que pode ser possível através da desconstrução proposta por Derrida que inspirou Judith Butler, como esperamos ter demonstrado através do presente trabalho, que busca reverter e desestabilizar esses pares. Dessa forma, escavar o terreno em que se assentam as discussões sobre gênero e sexo, sobre masculino e feminino pode causar efeitos subversivos atuando sobre os lugares em que os discursos legitimados pelo poder se afirmam e se repetem, produzindo lugares de resistência de dentro para fora. Esse movimento se torna possível porque onde há poder, há resistência

e as relações de poder se situam no interior das tramas discursivas de onde partem os discursos generificadores de corpos e sujeitos.

Então cabe aqui assinalar a natureza do *queer* que para Louro (2008) é sujeito da sexualidade desviante, o excêntrico que não almeja a integração nem que seja apenas “tolerado”. Remete a um jeito de ser que não aspira o centro e nem parte dele como referência. Dessa forma, para a autora, o *queer* desafia normas reguladoras da sociedade, assumindo o desconforto da ambiguidade e do indecível. Contra as práticas de exclusão que operam sobre estes sujeitos, cabe insistir com Derrida (2001) na necessidade da inversão, já que, segundo o autor, lidamos com hierarquias violentas em que um dos termos comanda o outro (axiologicamente, logicamente) ocupa o lugar mais alto. Dessa forma, desconstruir a oposição é subverter a hierarquia sem esquecer a estrutura conflitiva e subordinante da oposição.

Neste momento, ao invés de finalizar, já que com Derrida (2005) aprendemos que toda finalização de um texto é impossível, deixamos aqui as palavras de apresentação que estão na orelha final de uma das obras de Guacira Lopes Louro (2008, s.p.), intitulada *Um corpo estranho: ensaios sobre a sexualidade e teoria queer*, para que as palavras mencionadas sobre a autora possam reverberar nos leitores sobre a natureza do sujeito *queer* como um corpo estranho que incomoda, perturba, provoca e fascina:

Se a autora é queer? Ninguém sabe. Ninguém viu. Às vezes ela é, outras, não. Em noites de lua cheia, é certo que ela vira queer. Se o céu estiver claro, também. Se chove, ela se fecha em copas e o mistério se restabelece. Em casa ela fica pouco queer. Mas em viagem seu devir-queer desabrocha. No verão, em geral, o calor age para derreter o queer que ela, em estado latente, secreta. Mas no inverno, sob circunstâncias favoráveis, um cálice de vinho ajudando, é bem possível que o queer que nela hiberna venha todo à tona. E aí o queer que, como todos nós, ela carrega, transborda e se esparrama. Aí, ela é puro queer. E é até capaz de escrever um livro queer. Como este. Que até pode, todo cuidado é pouco!, fazer você virar queer. Sem nem precisar de lua cheia. Azar o seu. Sorte sua.

REFERÊNCIAS:

AUSTIN, John Langshaw. **Quando dizer é fazer:** palavras e ação. Trad. Danilo Marcondes de Souza Filho. Porto Alegre: Artes médicas, 1990.

BESSA, Karla. **A teoria queer e os desafios às molduras do olhar.** *CULT* n. 193, ano17, p. 48-54, 2014.



EDIÇÃO Nº 19 JANEIRO DE 2017
ARTIGO RECEBIDO ATÉ 20/10/2016
ARTIGO APROVADO ATÉ 20/12/2016

BUTLER, Judith. **Cuerpos que importam**: Sobre los limites materiales y discursivos del “sexo”. Buenos Aires: Paidós, 2002.

_____. **Deshacer el gênero**. Barcelona: Paidós, 2006.

_____. **Excitable speech**. New York: Routledge, 1997.

_____. How bodies come to matter: an interview with Judith Butler. **Signs Journal of Women in culture and society**. Vol. 23, n. 2, p. 275-286, 1998a.

_____. Troubling philosophy: interview with Judith Butler. **Women’s Philosophy Review**. n. 18, p. 7-8, 1998b.

_____. **Problemas de gênero**: feminismo e subversão da identidade. Trad. Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

DERRIDA, Jacques. **A farmácia de Platão**. Trad. Rogério da Costa. São Paulo: Iluminuras, 2005.

_____. “Chorégraphies – entrevista com Christine V. Mc Donald”. In: _____. **Point de Suspension – Entretiens**. Paris: Galilée, 1992.

_____. “Firma, acontecimento, contexto”. In: DERRIDA, Jacques. **Margenes de la filosofia**. Madrid: Cátedra, 1989, p. 347-372.

_____. **Posições**. Trad. Tomaz Tadeu da Silva. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

DÍAZ, Elvira Burgos. **Desconstrução e subversão**: Judith Butler. Sapere Aude. Belo Horizonte, vol. 4, n. 7, p. 441-464, 2013.

DOSSE, François. **História do estruturalismo Vol. II**. O canto do cisne, de 1967 a nossos dias. Trad. Álvaro Cabral. Bauru: EDUSC, 2007.

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**. Trad. Laura Fraga de Almeida Sampaio. São Paulo: Loyola, 1996.

_____. **Arqueologia do saber**. Trad. Luiz Felipe Baeta Neves. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995.

_____. **História da sexualidade**: a vontade de saber. Vol. I. Trad. Maria Thereza da Costa Albuquerque. Rio de Janeiro: Graal, 1985.

_____. **Microfísica do poder**. 26ª ed. Trad. Roberto Machado. Rio de Janeiro: Graal, 2008.

_____. **Vigiar e punir**. Trad. Raquel Ramalhete. Petrópolis: Vozes, 2003.



EDIÇÃO Nº 19 JANEIRO DE 2017
ARTIGO RECEBIDO ATÉ 20/10/2016
ARTIGO APROVADO ATÉ 20/12/2016

FRANK, Manfred. **Qu'est-ce que le néo-structuralisme?** Paris: Cerf, 1989.

LOSSO, Eduardo Guerreiro B. A desconstrução feminina: estudo de Carla Rodrigues discute lugar da mulher à luz de Derrida. **Jornal do Brasil [JB Ideias]**. Rio de Janeiro, 14 de novembro de 2009.

LOURO, Guacira Lopes. **Um corpo estranho**: ensaios sobre sexualidade e teoria queer. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

_____. O potencialismo político da teoria queer. **CULT** n. 193, ano17, p. 32-33, 2014.

_____. Teoria queer – uma política pós-identitária para a educação. **Estudos Feministas**. Florianópolis, Vol. 9, n. 2, p. 541-553, 2001.

LYOTARD, Jean-François. **Por que filosofar?** Trad. Marcos Marcionilo. São Paulo: Parábola, 2013.

MISKOLCI, Richard. A teoria queer e a sociologia; o desafio de uma analítica da normalização. **Sociologias**. Porto Alegre, ano 11, n. 21, p.150-182, 2009.

MACHADO, Roberto. Por uma genealogia do poder. In: FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. 26ª ed. Trad. Roberto Machado. Rio de Janeiro: Graal, 2008.

RODRIGUES, Carla. A política do desejo. **CULT** n. 193, ano17, p. 11-13, 2014.

_____. **Coreografias do feminino**. Florianópolis: Editora Mulheres, 2009.

_____. Diferença sexual, direitos e identidade: um debate a partir do pensamento da desconstrução. **Cadernos Pagu**, Campinas, n. 34, p. 209-233, 2010.

_____. **O sonho dos incalculáveis**: coreografias do feminismo e do feminino a partir de Jacques Derrida. Dissertação. (Mestrado em Filosofia). PUC-RJ, Rio de Janeiro, 2008.

SALIN, Sara. **Judith Butler e a teoria queer**. Trad. Guacira Lopes Louro. Belo Horizonte: Autêntica, 2013.

SAUSSURE, Ferdinand de. **Curso de Linguística Geral**. Trad. Antônio Chelini, José Paulo Paes e Izidoro Blikstein. 27ª ed. São Paulo: Cultrix, 2006.

SILVEIRA, Ederson Luís. Entre selfies, curtidas e subjetividades: os sujeitos contemporâneos e o cuidado de si. **O corpo é discurso**. n. 32, p. 4-10, 2014.

WOLFREYS, Julian. **Compreender Derrida**. Trad. Caesar Sousa. Petrópolis: Vozes, 2012.